

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

BELOCH, Israel. Israel Beloch (depoimento, 2018). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 23min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre BANCO SANTANDER. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Israel Beloch  
(depoimento, 2018)**

Rio de Janeiro

2018

### ***Ficha Técnica***

***Tipo de entrevista:*** Temática

***Entrevistador(es):*** Celso Castro; Jean Spritzer e Spritzer;

***Técnico de gravação:*** Ninna Carneiro;

***Local:*** Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

***Data:*** 12/12/2018 a 12/12/2018

***Duração:*** 1h 23min

Arquivo digital - áudio: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, desenvolvido com financiamento do Banco Santander, entre janeiro de 2016 e dezembro de 2020, com o objetivo de constituir um acervo audiovisual de entrevistas com cientistas sociais brasileiros e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

***Temas:*** Ação Popular (1962); Atividade profissional; Ato Institucional, 5 (1968); Casamento; Celina Vargas do Amaral Peixoto; Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil; Engenharia; Ensino superior; Ernâni do Amaral Peixoto; Família; Filiação partidária; Formação escolar; Getúlio Vargas; Golpe de 1964; História; História política; Infância; Judaísmo; Marinha; Memória nacional; Metodologia de pesquisa; Militância política; Militares; Partido Comunista Brasileiro - PCB; Perseguição política; Pesquisa científica e tecnológica; Pontifícia Universidade Católica; Pós - graduação; Preso político; Rússia; Serviço militar; União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS); União Nacional dos Estudantes; Universidade Federal Fluminense; Wellington Moreira Franco;

## *Sumário*

Entrevista: 12 de dezembro de 2017

Origens da família paterna judia na Bielorrússia; atividades econômicas familiares; origens da família materna também judia na Bessarábia (atual República Moldova), migração da família para São Paulo no final do século XIX; infância nos colégios judaicos do Rio de Janeiro; juventude: formação pela PUC em Engenharia mecânica; serviço militar na Marinha; ação política na Universidade e ingresso no PCB; a vivência do golpe de 1964; primeira prisão; estágio na área da Engenharia; casamento e segunda prisão; viagem para a União Soviética e contato com a família em 1966; trabalho com livros de História e com indexação; a ideia de fazer um dicionário dos políticos brasileiros; o CPDOC nos anos 1970; a revalorização da política no Brasil em 1974; a aceitação do Dicionário enquanto instrumento válido de documentação histórica; o mestrado em História na UFF e a dissertação que virou filme; a recepção do Dicionário pelo público; a repercussão internacional; dificuldades de trabalho no processo de elaboração do Dicionário; rotina de pesquisa e coleta de material; o fim da confecção do Dicionário; criação do Memória Brasil nos anos 1990; a exposição Saudades do Brasil.

**Entrevista: 12-12-2017**

**C.C.** - Israel, em primeiro lugar obrigado por ter aceito aqui o convite para dar seu depoimento histórico para o CPDOC, do qual você fez parte tanto tempo, foi tão importante. A gente gostaria de começar, antes de falar do CPDOC, sobre a sua trajetória. Gostaria que você falasse da sua família, as origens, da Bielorrússia é a tua família?

**I.B.** - Da origem lá, é.

**C.C.** - Fica à vontade, a tua infância, teus estudos onde foram, a juventude, antes de entrar na faculdade.

**I.B.** - Muito bem. Meu pai com os pais dele vieram para o Brasil em 1927, ele nasceu na Bielorrússia, em Minsk e eles tiveram que sair lá. A Bielorrússia virou soviética, logo na revolução, meu pai tinha quatro anos quando a revolução ocorreu. Eles acabaram tendo que se mudar para a Polônia, muito empobrecidos. Meu avô ele estava bem de situação financeira naquela época, diferentemente da maioria dos judeus locais que eram muito pobres. Meu avô tinha ganhado dinheiro com coisas de construção civil, era empreiteiro de construção civil. Eu desconfio que tem algo a ver com ferrovias. Recentemente eu li que o grande construtor de ferrovias, ainda na Rússia Imperial, era um judeu muito poderoso lá. Então eu suspeito que por aí fosse alguma coisa. Bom, ele perdeu tudo com a revolução e foi para a Polônia, onde ele, o avô tinha nascido, chama-se Bialystok, que é uma cidadezinha muito próxima da Rússia e eles se consideram russos, falavam russo lá, a língua deles, além do ídiche era o russo. Eu ouvi russo desde cedo na minha casa. Bom, eles vieram para o Brasil e se instalaram em São Paulo, depois de muitas dificuldades, passaram maus momentos, acabaram se voltando para o comércio de roupas masculinas. Abriram uma loja de roupas, pequena, em São Paulo, mas meu pai irrequieto e querendo ter autonomia, acabou vindo para o Rio de Janeiro, em 39, quando ele tinha 26 anos. E junto com um outro personagem, judeu também da mesma origem, abriram uma loja de roupas na av. Rio Branco. A gente hoje fica pensando, que audácia de um cara de 26 anos, imigrante, conseguiu abrir uma loja de roupas na av. Rio Branco, na época era a principal. Em suma, se desenvolveu aqui, a loja se chamava Adonis, logo depois...

**C.C.** - Uma loja de roupas masculina?

**I.B.** - Masculina, é. Depois ela foi se desenvolvendo, chegou a ficar muito grande. Ele chegou a ter muitas filiais e depois teve uma fábrica de roupa, que fabricava roupa que ele vendia. É uma loja que todo mundo que precisava de um terno para casamento conhecia. Então ele se instalou aqui, casou com a minha mãe. Nós somos três filhos, eu sou o mais velho.

**C.C.** - Uma dúvida, sua mãe era de onde a família?

**I.B.** - A família da minha mãe são judeus de outra origem, eles são da Bessarábia que atualmente, pouca gente sabe, chama-se Moldova ou Moldávia. É Moldova ou Moldávia, é o menor país da Europa e mais pobre. Mas era Bessarábia, é um lugar assim muito comum de ter judeus oriundos de lá, tem muitos judeus da Bessarábia. Os pais dela, ao contrário do meu pai, vieram muito cedo para o Brasil. Meu avô veio no final do século ainda, um tipo de migração que eu não sei os detalhes, e se instalou no interior de São Paulo, nas cidades de Franca e Batatais. Ele chegou aqui com dois anos de idade, em 1896, eu sei essas datas porque eu já andei rabiscando isso, contando essa história no papel. E a minha avó um pouco depois, se casaram e tiveram cinco filhos e a minha mãe é a quarta. Então meu pai casou com a minha mãe, tiveram três filhos, eu sou o mais velho e resolvi seguir... Nós estudamos primeiro em colégios judaicos no primário, eu estudei no Liessin e no Max Nordau. Primeiro no Liessin, que o Max Nordau não existia ainda. É engraçado naquela época, porque a gente morava no Flamengo. Grande parte dos judeus morava no Flamengo, no Catete, Marquês de Abrantes, Senador Vergueiro era o lugar bacana. Aí os judeus começaram a enriquecer um pouco e se mudar para Copacabana. E nós fomos para Copacabana também. Quando eu tinha seis ou sete anos, seis anos, e como o Liessin ficava um pouco longe de Copacabana, eles me colocaram no Max Nordau que tinha acabado de ser inaugurado e naquela época era na rua Farne de Amoedo, em Ipanema. Aí eu terminei o primário no Max Nordau. Quando terminei o primário não houve mais essa opção de estudar em escola judaica, eu fui para o Mello e Souza que era um colégio interessante. Interessante pelo seguinte, porque era um colégio não religioso, era um colégio de certa forma progressista, no sentido aberto, os fundadores eram meio positivistas, uma coisa que nem existe mais. Mas eles eram antirreligiosos, anticlericais. E tinha muito judeu lá por causa disso, porque escolas privadas a maior parte delas eram católicas. Tinha aquelas desvantagens da época, só tinha homem, era uma macholândia danada, o primário. Depois no científico, não, o científico era misto. Eu fiz o ginásio e o científico. Depois eu resolvi fazer engenharia. Eu me encantei por matemática no científico, mais no científico.

No ginásio não me encantei muito pelas coisas não, mas no científico eu comecei a gostar de estudar, me encantei por matemática, física, química. Acabei fazendo engenharia.

**C.C.** - Que ano você terminou o científico?

**I.B.** - [risos] Antes de Cristo, 1959 terminei o científico, eu tinha 17 anos e entrei na faculdade, na PUC, passei para Engenharia da PUC, comecei o curso com 17 anos, era bem novinho. Aí me encantei por Engenharia Mecânica, eu gostei. Os dois primeiros anos era o ciclo básico, então eu podia escolher, mas acabei gostando mais de Mecânica e me formei em 64.

**C.C.** - O serviço militar você não...

**I.B.** - Fiz, fiz.

**I.B.** - Como foi, você parou a faculdade?

**I.B.** - Não, não, continuei. Era o CPOR da Marinha, fiz na Marinha, chamava CIORM, hoje acho que mudou o nome, hoje é EFORM, não sei como anda o CIORM, era formação de oficiais da reserva da Marinha. Muitos colegas meus da engenharia foram fazer comigo, muitos eram colegas duplos, tanto na faculdade como na Marinha. Então era uma coisa da época, curioso. Meus irmãos não fizeram serviço militar, não quiseram nem saber disso, muito menos meus filhos hoje, mas eu fiz dois anos de curso, era aos domingos, era duro. Durante o tempo de aula tinha que chegar cinco da manhã no cais da Marinha para pegar o barco para ir para a ilha e durante as férias era todo dia. A gente fazia umas viagens de navio, acho que era isso que me encantou, a ideia de fazer umas viagens de navio, andava por aqui. Não ia muito longe, a gente foi até Vitória, até Ilha Grande, era por aí.

**J.S.** - O ingresso no serviço militar foi uma escolha?

**I.B.** - Foi, foi. Naquela época foi, foi um desejo. Como te disse, como muita gente fez, era uma coisa que a gente achava bacana, era uma aventura. Era um saco na verdade, era muita perda de tempo. O ensino não sei como está hoje, mas era muito prosaico, muito mal dado, mas a gente aprendia lá. A gente fugiu o Exército porque todo mundo dizia que o Exército era muito duro, os exercícios físicos. Na Marinha era muito menos, a gente ficava marchando na ilha, então não tinha muito que marchar, era pouco.

**C.C.** - Você faz o curso na PUC em 64, ambiente era de muita militância política. Como você se envolveu com essa conjuntura da época?

**I.B.** - Me envolvi. Eu já estava encantado com ideias socialistas, tinha umas tintas assim, uma coisa um pouco curiosa porque embora meus pais tivessem vindo fugidos da revolução bolchevique, eles tinham um certo encanto pela Rússia. Acho que muitos judeus compartilharam isso, a Rússia tinha tido um papel heroico na II Guerra Mundial, na luta contra o nazismo. Eles gostavam um pouco.

**C.C.** - Vocês falavam russo em casa?

**I.B.** - Eles falavam, eu só ouvia. Até hoje alguns sons são... eles falavam, meu pai com os pais dele. O russo e o ídiche eram duas línguas assim alternativas. Então eu já estava meio encantado com o socialismo, acabei me ligando na PUC ao grupo de esquerda católica, chamava AP, comecei a trabalhar desde aquela época, muita gente conhecida, a AP englobava todo mundo de esquerda, por exemplo, Pedro Malan, deixa eu ver quem mais que era famoso, muita gente daquela época. No início de 64 quando eu estava no último ano, eu resolvi ingressar no Partido Comunista, achava que aquela era uma esquerda mais máscula, mais verdadeira. Aquele negócio de AP era meio...

**C.C.** - PCB.

**I.B.** - PCB, Partidão.

**C.C.** - Já tinha tido o racha do PCdoB.

**I.B.** - Já tinha tido. Naquela época já tinha tido. O PCdoB para mim, me parecia uma coisa insignificante, e era. Era um partidinho muito pequeno e o PCB era um partido muito grande naquela época. Bom, eu entrei e, em 64, no último ano da faculdade houve o golpe, que a gente no *Dicionário* chamou de Movimento Político Militar de 64.

**C.C.** - A gente mudou na terceira edição para Golpe de 64.

**I.B.** - Mudaram? [risos] ah, é? A gente não usava na época por causa das implicações, claro.

**C.C.** - Você lembra do golpe no dia, foi uma surpresa, não foi?

**I.B.** - Claro que eu lembro. Eu estava profundamente envolvido nisso, eu era militante, estava na UNE, eu fazia parte de um grupo pequeno que fazia um curso de alfabetização de adultos na UNE, e esse curso era muito pequeno realmente, era organizado por uns caras lá da UNE e ele era dado em salas de aula de obras de construção civil. Tinha empresas da construção civil, a principal chamava-se Canadá, era conhecida, tinha muitas obras pela cidade. Eles deviam ter alguma simpatia, cediam uma sala, um cômodo que estava em construção na obra, eles construíam os bancos e carteiras, o quadro-negro, e todo dia eu ia lá de cinco às sete da tarde e tentava alfabetizar os operários.

**C.C.** - O método Paulo Freire?

**I.B.** - Não era o método Paulo Freire, pois é, era uma coisa competitiva, era um método mais tradicional, difícil. Foi um trabalho muito bacana, emotivo, mas era muito difícil. Os operários tinham níveis de adiantamento muito variado, eu tinha que dar aula quase que particular para um, um sabia escrever um pouco, o outro não sabia nada, era muito difícil. Me lembro de uma coisa célebre que era uma palavra que todo mundo usava nas cartilhas que era ave, eu escrevi no quadro-negro ave, perguntei para o cara que estava sentado na frente: “o que é ave, seu Damião?”, “uai, ave é um pé de pau”. Para ele, ave era árvore. Entendeu? Estava longe... é foi difícil, não é? E aí quando veio o golpe em 64, isso tudo parou. A PUC fez uma sindicância interna, porque era muito diferente na PUC, era muito anticomunista e anti... em suma, estava junto com aquele bloco de forças que patrocinou e apoiou o golpe. Eles fizeram um inquérito interno que envolveu umas 30 pessoas, foram punidos. Um dos caras que era o presidente do diretório de Sociologia da PUC, chamava-se Vicente Carlos y Plá Trevas, foi expulso da PUC naquela época e outras pessoas foram suspensas por 60 dias, eu fui absolvido, graças a Deus. Não tinham nada contra mim, embora eu falasse muito publicamente a favor do governo e da UNE e tal. E também aconteceu uma coisa engraçada, nessa época, nesse mesmo momento eu tive minha primeira prisão. Por um negócio azarado, fui preso pela Marinha já, fiquei uma semana preso porque meu nome estava num caderninho de telefones de uma pessoa e eu não tinha nada a ver com aquele evento. O evento era gravíssimo, era simplesmente um grupo de malucos, tinha retirado o cabo Anselmo de dentro do asilo na embaixada do México, um grupo de estudantes da PUC, da AP. Eu não tive nada com isso, só que meu nome estava num caderno de telefone de alguém, alguém deve ter levado um tranco lá, “quem é esse Israel?”, “esse deve ser do partido”, alguma coisa assim. Bom, passei uma semana.



**C.C.** - Você tinha feito serviço militar na Marinha também.

**I.B.** - É, também.

**C.C.** - Quer dizer, cabo Anselmo para a Marinha era o...

**I.B.** - A sopa no mel. E vou te dizer, nessa época, eu estava no Cenimar, nessa semana que eu passei, eu vi o cabo Anselmo passar lá, ele estava assim bem tranquilão. Depois todo mundo ficou ciente que ele era um cara infiltrado... não sei se nessa época ele já tinha mudado de lado.

**C.C.** - Pois é, se ele já era antes do golpe ou se depois...

**I.B.** - Eu vi ele passando assim, era um cara forte, muita gente conheceu ele, o pessoal da AP conheceu ele muito. Bom, eu escapei dessa, fui solto depois de uma semana e não fui punido pelo inquérito da PUC.

**C.C.** - Só uma dúvida, se me permite. Você fez o serviço militar antes, foi o que? 61, 62...

**I.B.** - Terminou no início de 63.

**C.C.** - Na Marinha tinha alguma coisa política já? Você participava, ouvia?

**I.B.** - Tinha. Não, ouvia, mas não participava. Era tudo bem malocado, muito assim... mas o movimento dos marinheiros e sargentos já estava assim em ebulição. Porque num dos navios que eu viajei, um destróier contratorpedeiro, é bem pequeno, um sargento, não sei porque, me localizou, deve ter sido por uma ideia minha e me passou um papel, um panfleto lá. Eles estavam fazendo aquele movimento que depois resultou no levante de Brasília, para os sargentos poderem votar. Mas esses caras eram, vamos dizer, muito acompanhados pela Marinha, deviam ser. Eu guardei esse papel, e eu acho que quando eu fui preso depois da outra vez, eu tenho mania de guardar, mania de historiador, acho que pegaram esse papel, me perguntaram sobre isso. Mas logo ficou claro que eu não tinha nada a ver com isso.

**C.C.** - Essa primeira prisão foi uma semana só e você saiu?

**I.B.** - Saí.

**C.C.** - Você estava trabalhando já?

**I.B.** - Eu estava, eu era estagiário. No último ano da engenharia, eu fui estagiar numa fábrica americana chamada [Watington], e depois que eu me formei continuei trabalhando lá, trabalhei cinco anos lá. A minha experiência de engenharia se limitou a isso.

**C.C.** - Só uma dúvida, curiosidade também. Como você viveu o golpe, era uma coisa esperada, foi uma surpresa, uma falta de reação?

**I.B.** - Você me perguntou isso. Foi uma surpresa. Eu era muito garoto e muito ingênuo, mas acho que estava todo mundo nessa ingenuidade. Todo mundo que eu digo, a esquerda achava que o Jango ia resistir, tinha o famoso dispositivo militar, o general Assis Brasil, todo mundo achava, o almirante Aragão, todo mundo achava que isso ia ser... o brigadeiro Teixeira, todo mundo achava que ia segurar. Então quando o golpe eclodiu foi realmente muito... Primeiro a gente teve a notícia de que as tropas de Minas tinham se levantado, estavam descendo, isso em 31 de março, estavam descendo de Juiz de Fora para cá, ficou aquele clima. Eu fui para a UNE, eu saí da UNE minutos antes dela pegar fogo, eu estava lá até o final. A gente estava ali olhando quem vai chegar, aí chegou a turma, essas pessoas que foram tacar fogo na UNE, que acho que grande parte eram estudantes anticomunistas, gente ligada ao Lacerda. A PUC inclusive 90% era assim, todo mundo estava louco para tacar fogo na UNE. Eu digo todo mundo, os estudantes. Eu estava lá, eu fiquei muito chocado, como todo mundo, acho que toda esquerda ficou chocada. Aquele dia a gente não sabia mais o que fazer, eu me lembro de sair dali, sair andando pela rua, estava meio chovendo, estava assim “puxa, o que a gente vai fazer, não sei”... Aí depois a vida foi entrando nos eixos, o governo do Castelo foi um governo bem brando, a gente não pode dizer que a gente sentia essa prisão. Essa minha primeira prisão foi super branda. Eu fiquei num alojamento de oficiais ali nos fuzileiros navais, comia no café da manhã bife à cavalo, muito legal, com ovos fritos assim. [risos].

**C.C.** - Mas aí passou esse momento do golpe, você estava estagiando, ficou cinco anos trabalhando.

**I.B.** - Trabalhei cinco anos em engenharia e já fui naquele tempo... aí foi o tempo da minha militância, esses cinco anos foi esse tempo que eu tinha essa vida dupla, era engenheiro da fábrica americana e era membro do Partido Comunista e estava atuando naquelas tentativas desastradas e canhestras de organizar alguma coisa. O Partido Comunista já era um frangalho naquela época, porque depois de 64 ele ficou muito, muito... por causa disso, ele foi muito

surpreendido pelo golpe, e as pessoas começaram a sair para a luta armada, as diversas dissidências.

**C.C.** - Mas o Partidão não optou pela luta armada.

**I.B.** - Então, por isso mesmo. Ele foi sendo esvaziado. As pessoas iam passando para a luta armada. Teve o PCBR, saiu muita gente, depois o Marighella, todo mundo, a direção foi enfraquecendo.

**J.S.** - Essa experiência de atividade partidária foi dentro do partido...?

**I.B.** - Foi, foi... olha, eu vendo hoje, claro que é fácil falar de maneira, foi burocrática, era uma tentativa burocrática de reorganizar assim os salvados de incêndio.

**C.C.** - Você não chegou a se encantar ou pensar em sair do Partidão para uma linha...?

**I.B.** - Não, não, naquela época de jeito nenhum. Eu estava totalmente engolfado por aquilo e a minha cabeça estava totalmente... eu via que aquilo era... eu via, mas não queria ver.

**C.C.** - Você já era casado?

**I.B.** - Já. Eu casei nesse meio tempo, casei em 67.

**C.C.** - Com a Edith que era irmã de criação da Celina.

**I.B.** - Irmã da Celina, neta do Getúlio também.

**C.C.** - Você já convivia com a família do “Comandante” [Ernani do Amaral Peixoto]...

**I.B.** - Já. Meu casamento foi na casa deles.

**C.C.** - Você chamava ele de comandante?

**I.B.** - Comandante, todo mundo chama de comandante, mas a gente falava muito senador também, não lembro se ele já era senador naquela época. Comandante era o nome tradicional dele.

**C.C.** - Mas ele sabia da tua militância?

**I.B.** - Sabia, sabia.

**C.C.** - Protegia ou não, hostilizava?

**I.B.** - Ele era uma pessoa muito delicada. Não, não hostilizava de jeito nenhum, mas também não protegia. Não tinha nada, nenhuma simpatia. Tem um episódio curioso, em 60 e pouco, 68 ele foi numa delegação do Senado para a União Soviética, iam de vez em quando. Antes portanto do Ato 5. Depois acho que ninguém iria. Foram vários deputados. Naquela época só existia o MDB..., é já tinham sido extintos os outros partidos, só tinha o MDB e Arena. Ele trouxe uma porção de materiais, aqueles materiais de propaganda soviéticos, discurso do Leonid Brejnev, ele me deu alguns desses, eu guardei na minha estante, e quando eu fui preso pegaram aquilo. E eu não queria de forma alguma falar que aquilo era do senador Amaral Peixoto para não incriminá-lo, ele ia ficar... e não falei, mas não foi grave também, era uma porcaria de material de propaganda, mas só que pesou contra mim o fato de eu ter aquilo na estante.

**C.C.** - Mas a segunda vez que você foi preso foi quando?

**I.B.** - Pois é, aí eu fui preso logo depois do Ato 5. Quando o Ato 5 foi decretado, em 13 de dezembro, eu fui preso cinco dias depois. Eu estava em plena militância, o Ato 5 foi aquele choque, todo mundo sentiu que era uma..., mas a gente ainda estava assim, chocou, mas... a gente sabia que algumas pessoas estavam sendo presas. Um dos primeiros a ser preso no Ato 5 foi o Lacerda, o Juscelino, algumas pessoas que estavam andando por aí foram logo presos, e eu fui cinco dias depois. Fui preso de total surpresa, cheguei em casa uma noite e a garagem que era subterrânea estava cheia de fuzileiros navais me esperando. Eu tive a oportunidade de fugir e resolvi não fugir, pensei assim “porra, vou fugir, vou ter que entrar na clandestinidade, o que eu vou fazer...” e depois eu pensava na primeira prisão que foi tão leve, demorou só uma semana, pensei que fosse a mesma coisa, aí resolvi me entregar, me levaram. Só que aí eu fiquei dez meses preso.

**C.C.** - Nossa, dez meses...

**J.S.** - No seu círculo de convivência já tinham algumas pessoas que também tinham sido presas?

**I.B.** - No mesmo dia, várias pessoas. Esse dia foi... porque foi uma onda. Eu cheguei na prisão, lá nos fuzileiros, e ia chegando gente, um atrás do outro e várias pessoas conhecidas.

**C.C.** - O clima era diferente, essa segunda o clima foi diferente.

**I.B.** - Totalmente diferente. Primeiro que a gente foi colocado numa cela coletiva, cela mesmo. O presídio da Marinha era uma coisa horrorosa, nem sei se funciona ainda, é uma coisa medieval, medieval não, do século 17, paredes grossas, bem baixo astral. E aí foi chegando. Em dois, três, quatro, cinco tinham mais de 20 pessoas na cela. Tinha pessoas conhecidas, tipo assim, advogado, Evaristo de Moraes, Marcelo Cerqueira, Hélio Saboya, que depois foi secretário... várias pessoas entraram ali, e muitos saíram logo. Algumas ficaram algum tempo, outros saíram e eu fui ficando, por sorte não fui torturado. A cronologia da tortura no Brasil, o Celso sabe isso bem, ela só começou a ser sistemática em maio de 69 quando ela se instalou ali na ilha das Flores, foi o pessoal que chamava o primeiro MR-8 que foi preso lá no Paraná tentando fazer uma guerrilha. Esse pessoal entrou no pau mesmo, foi a primeira tortura sistemática. Quando isso aconteceu, eu já estava preso há cinco meses, eu estava ao lado desses caras, eu estava na Ilha das Flores nessa época. Eu vi vários caras voltando da tortura, todos arrebatado, foi bem marcante, dava muito medo, “o próximo vai ser eu, porra”.

**C.C.** - Mas a acusação contra você, queriam informação, o que era?

**I.B.** - Partido Comunista, eles me perguntavam, me interrogavam, tive vários interrogatórios, eu sempre neguei tudo, eu sabia que não podia confirmar nada, mas ficou claro pelos interrogatórios que eles tinham informações de gente infiltrada, entendeu? É óbvio. Eles tinham... o partido atuava, como eu falei, de maneira canhestra. E também tinha uma outra coisa mais assustadora que eu tenho certeza que deve ter acontecido, eles prendiam gente, comunistas, davam uma prensa, o cara entregava, eles soltavam em seguida e ninguém nem ficava sabendo que ele foi preso. Então ele já tinha entregue a coisa, por medo, porque nem todo mundo é herói, muito pelo contrário, então eles sabiam de muitas coisas. Teve um dia que eu fui interrogado lá e o interrogador era ora oficiais de Marinha, era ora policiais. Teve um policial lá que imitou o jeito de andar do cara que era a minha ligação mais íntima com o partido. Eu falei “pô, ele conhece o cara”. O cara tinha uma perna dura, ele falou olha aqui ó, andou assim igual o cara. Eu falei “ih, cacete, o cara já sabe tudo”. Mas eu neguei tudo. Em suma fiquei lá esse tempo todo e naquela época o habeas corpus tinha sido abolido por causa do Ato 5, mas tinha... eu não me lembro qual era o recurso jurídico, o advogado ficava tentando

vários recursos, pedindo a... porque eu estava com prisão preventiva, pedindo cancelamento da prisão preventiva. Num desses pedidos foi concedido e eu saí.

**C.C.** - Final de 68?

**I.B.** - Em 69. Em outubro de 69. E aí eu saí e fui tentar reconstituir minha vida, logo depois a Edith ficou grávida, meu filho nasceu pouco depois. Mas eu comecei a ter sinais... eu fiquei escondido aqui. Eu comecei a ter sinais que eles estavam me procurando de novo. Eles iam na loja do meu pai, iam em lugares onde eles achavam que podiam me encontrar, e aí eu fiquei escondido aí. Pensei em sair do país como quase todo mundo fez, mas não sei que maluquice que deu na nossa cabeça, resolvemos ficar aqui. Aí fiquei uns dois anos morando com nome suposto, um lugar que ninguém sabia; uma bobagem, não fazia nada, estava só apavorado de medo, ficava ali. Até que depois conseguiram na Justiça Militar um acordo que o advogado fez que se eu me apresentasse lá, eles iam cancelar o pedido de prisão preventiva. Eu fui assim, medo danado, mas achei que tinha que ir. Cheguei lá na... acho que já era auditoria. Porque quando saía do Cenimar e ia para a auditoria já estava mole. A auditoria era só as formalidades, o essencial era lá no Cenimar. Aboliram minha prisão preventiva e aí eu pude me movimentar.

**J.S.** - Quem te assistia nesse período, advogado?

**I.B.** - Advogado, ele se chamava, ele foi advogado de muita gente, era um velho advogado, chamava Augusto Sussekind de Moraes Rego. Ele era um velho advogado que atuava muito na auditoria da Marinha e defendia muito marinheiro assim. Porque os advogados mais políticos não podiam atuar, porque eles estavam muito perseguidos também. Mas por trás dos panos eu fui muito assessorado pelo Modesto da Silveira, ele dava muitas dicas para a gente, principalmente o Modesto. Uma época eu tive um famoso, Heleno Fragoso, ele tentou também alguma coisa, mas quem foi formalmente foi esse Augusto Sussekind. Depois chegou o julgamento, eu tive três processos. Fui excluído de dois e fui absolvido num terceiro, auditoria da Marinha, auditoria do Exército, e aí fui voltando à vida. E foi quando eu saí da prisão que eu resolvi abandonar a engenharia e resolvi, com aquela vivência, acho que eu já não estava gostando da engenharia, e resolvi me interessar mais por ciências humanas, história. E aí comecei a pensar nisso. A primeira coisa que eu fiz ao sair, eu estava muito mal, fiquei mal, fiquei meio destruído pessoalmente, financeiramente. Se meu pai não tivesse condições eu não teria conseguido. Ele que me sustentava.

**C.C.** - Uma dúvida minha. Do lado do senador, da Edith, a Celina estava já casada com o Moreira Franco também tinha uma atuação de esquerda...

**I.B.** - Eu acho que ela casou nesse período, ou já estava ou estavam em vias de casar. É, tinham, mas eles foram embora. Eles fizeram o que... eles foram para Paris.

**C.C.** - Mas vocês conviviam, conversavam sobre isso?

**I.B.** - Convivíamos, mas o Moreira era maoísta, pô! A gente não se cruzava muito porque ele era maoísta. A gente acha engraçado, ele era um fervoroso adepto da revolução cultural na época do Mao, 66. Porque a AP foi se tornando cada vez mais de esquerda, foi virando AP marxista-leninista.

**C.C.** - O braço direito do **[inaudível]**.

**I.B.** - É isso. Ele era maoísta fanático.

**C.C.** - Você não pensou em sair do Brasil essa época?

**I.B.** - Pensei, pensei sim, nós pensamos, mas...

**C.C.** - Você não tinha família ainda na Rússia?

**I.B.** - Não... tinha, tinha família na Rússia, tinha na Rússia.

**C.C.** - Polônia, Bessarábia, algum lugar?

**I.B.** - Não, na Rússia eu tinha. Eu tinha família na Rússia.

**C.C.** - A II Guerra afetou a família lá?

**I.B.** - Totalmente, totalmente, claro.

**C.C.** - Vocês saíram, não é?

**I.B.** - Totalmente. Eu tenho uma história curiosa sobre isso. Quando no auge do meu comunismo interno, meu pai resolveu voltar para a Rússia para visitar os parentes, tinha parentes lá em Moscou. Era 66, já era o governo militar, mas ainda era moleza. Eu fui com eles. Então fiquei lá 15 dias em Moscou e na época se chamava Leningrado e conheci a família,

tinha uma família muito acolhedora, muito bacana. E eu vi lá, conheci a Rússia, a União Soviética daquela época dura do Brejnev. Estive em Berlim Oriental também naquela época.

**C.C.** - Qual foi a sua impressão do socialismo real?

**I.B.** - Eu estava assim, eu vi que tinha muito problema, mas eu estava embebecido pela coisa, tinha muitos problemas. A família mesmo já estava louca para sair de lá e eles realmente saíram pouco depois, foram para Israel, com a ajuda do meu pai, todos se mudaram, todos não, era um núcleo esse, tem muita família lá e até hoje tem bastante. Mas esse núcleo que era constituído da família da irmã da minha avó, que tinha o viúvo e duas filhas com seus maridos e filhos pequenos, eles foram todos para Israel. Alguns já faleceram hoje, alguns moram até hoje lá. Mudaram sobrenome que eles tinham um sobrenome lá e mudaram como muita gente faz lá em Israel, botou um sobrenome hebraico, hoje eles se chamam... agora esqueci, mas é um sobrenome bem hebraico, Bendor, uma coisa assim. Bem estive com eles em Israel uma época. Então eu estive lá, vi aquilo...

**C.C.** - Nessa época você já tinha se afastado da militância do Partidão?

**I.B.** - Não, estava em plena militância, estava no auge da militância, foi em 66. A minha militância durou de 64 até a prisão em 68. Depois que eu saí... Eu fui em 66 à União Soviética. Naquela época a gente ia para a União Soviética com um passaporte fora, eles não carimbavam o passaporte porque sabiam que se você voltasse com o passaporte carimbado você estava queimado aqui. Então você recebia um papelzinho assim, depois quando você saía de lá, você rasgava e jogava fora. Eles já sabiam que a coisa era difícil. Mas é isso.

**C.C.** - Você largou a engenharia em que ano?

**I.B.** - Quando eu fui preso, eu aproveitei aquele... Vocês têm café aí? Posso me servir lá?

**C.C.** - Pode, pausa.

**I.B.** - Eu estou falando demais?

**C.C.** - Não, está ótimo.

**I.B.** - Estou soltando o verbo. Eu vou tentar resumir um pouco porque senão eu não vou... inclusive eu preciso sair às cinco horas, não sei até que horas vocês têm. Quando eu resolvi



abandonar a engenharia, e a primeira oportunidade que surgiu foi exatamente isso, em torno da dona Alzira [Vargas] e os pesquisadores que pesquisavam na casa dela. Um dos pesquisadores que pesquisava lá, não era brasileiro, mas era o Hélio Silva, aquele velho historiador, ele vivia lá, sentado, debruçado naquela papelada e estava escrevendo aquela série de livros dele.

**C.C.** - Ele estava na Candido Mendes, não tinha...

**I.B.** - Depois, isso foi antes da Candido Mendes. O Hélio Silva era um personagem engraçado. Ele era um médico, tinha sido jornalista e não tinha nada como historiador. Mas ele começou a fazer aquilo, e ele foi um pioneiro em publicar documentos pessoais. Naquela época, como vocês devem lembrar, a história era muito relações de produção, forças produtivas, eram grandes contextos. Não tinha assim, história verdadeira. Ele começou a publicar aqueles livros. E aí em contato com ele, através da dona Alzira, eu fui trabalhar com ele, como assistente dele. Era uma coisa muito precária, ele coitado, nem tinha como pagar direito, mas eu trabalhava na casa dele durante bastante tempo organizando os livros dele, fiz muita coisa. Depois em determinado momento, ele viu que não podia mais, ele me apresentou o Antônio Houaiss, que era filólogo, enciclopedista, estava fazendo uma segunda enciclopédia, depois da Delta, ele fez uma outra. E eu fui trabalhar com ele...

**C.C.** – [Na Enciclopédia] Mirador?

**I.B.** - Mirador. E eu fui trabalhar, um trabalho muito humilde, mas foi muito bom para mim, eu fazia indexação. Indexação significa o seguinte, eu lia toda a enciclopédia, eu sozinho não, tem 20 volumes, e fazia um índice dos temas e das coisas que apareciam. A enciclopédia tem um índice gigantesco. Então essa junção dessas duas coisas, de enciclopédia com os conhecimentos de história que eu adquiri lá com Hélio Silva, me deram de repente a ideia de fazer um dicionário da história do Brasil. Porque quando trabalhando com o Hélio Silva, vi como era difícil encontrar informações sobre uma pessoa qualquer, naquela época não tinha nada. Você pensava qualquer um, Gustavo Capanema, onde é que você ia encontrar? Não existia internet, nem computador, nada, tinha muito pouca coisa. Então comecei, apresentei para a Celina essa ideia, falei, olha Celina, precisamos fazer um dicionário da política, dos políticos brasileiros. Ela naturalmente achou bacana a ideia.

**C.C.** - Ela já estava na Fundação [Getulio Vargas]?

**I.B.** - Já, ela tinha acabado de vir. O CPDOC é 73, eu procurei-a um ano depois, em 74, estava ela e Aspásia, já eram as duas, foram as duas que começaram. Eu acho que já tinham algumas moças que trabalhavam aqui, depois vou lembrar o nome delas. E ela achou bacana. Eu fiquei aqui uns seis meses trabalhando assim voluntário, tentando arranjar algum financiamento, porque eu não tinha dinheiro. Isso é outra coisa, Celso talvez saiba, o CPDOC funcionava de maneira totalmente diferente, ele tinha dotações que a fundação dava e que eram minúsculas. Não tinha renda própria, nada disso, então ele arranjava convênios. Nós conseguimos o primeiro convênio, graças aos conhecimentos, com um negócio que chamava Conselho Nacional de Cultura, nem sei se existe mais. Funcionava no MEC, deu uma graninha para a gente e a gente começou a trabalhar. A primeira pessoa que começou a trabalhar do meu lado, éramos uma dupla, eu e ela, a Vera Calicchio, vocês já devem ter ouvido falar. Ela trabalhou aqui durante muito tempo e nós começamos juntos e ficamos batalhando um ano, um ano e tanto, até que a gente conseguiu o primeiro convênio com a Finep, aí foi, aí o trabalho deslanchou.

**C.C.** -O CPDOC era parte, um centro dentro do Indipo – Instituto de Direito Público e Ciência Política, era Afonso Arinos que era o diretor.

**I.B.** -Naquela época ainda era o Themístocles Cavalcanti, um outro velho jurista, o Afonso Arinos veio depois.

**C.C.** - O CPDOC mesmo que era um grupo pequeno tinha alguma relação com o Indipo ou não? Vocês tinham alguma autonomia?

**I.B.** - Não, era só totalmente formal. Essa vinculação era exclusivamente formal. Eu acho que naquela época, não sei exatamente porquê, a direção da fundação era muito conservadora, o dr. Simões, pô, vou te contar. Então acho que eles não queriam dar um status grande ao CPDOC. Tinha vários institutos, Indipo, tinha o instituto de economia, o Ibre, vários outros, Iesae, instituto de educação, aí eles vincularam o CPDOC ao Indipo, mas nós mal conversávamos. O dr. Themístocles era muito simpático e o dr. Afonso Arinos mais ainda, um gentleman, um aristocrata. Mas não interferiam em nada, nada na gente.

**J.S.** – Mas a sua inserção foi para formalizar o projeto já o diálogo com o *Dicionário* ou você atuou em outras áreas?

**I.B.** - Não, desde o início eu vim só para isso. Eu falei para Celina, estou com a ideia de fazer um dicionário dos políticos brasileiros, você topa? Eu trouxe um primeiro projeto explicando o que era. Eu já estava em casa pesquisando, começando a pesquisar, sozinho, aí ela achou interessante.

**C.C.** - Alzira [Alves de Abreu] veio quando já tinha o financiamento da Finep?

**I.B.** - Um pouco depois. Alzira, se não me engano, chegou em 66 ou 67, uns dois anos depois.

**C.C.** - 75.

**I.B.** - Desculpe, 75. Ela chegou em 75? Pode ser, ou no ano seguinte 76, não me lembro.

**C.C.** - Ela ficou responsável pela parte temática.

**I.B.** - Isso, e eu pela parte biográfica.

**C.C.** - Você era o coordenador geral do projeto?

**I.B.** - Eu era o coordenador geral, a Alzira pegou a parte temática. A Alzira ajudou muito porque ela é uma pessoa, vocês conhecem ela melhor do que eu, ela é muito prática, ela superou algumas indecisões minhas, porque eu sou um pouco obsessivo, tem que ser para poder fazer essas coisas, e se não fosse um pouco da correção da Alzira talvez isso tivesse demorado muito mais tempo para ficar pronto.

**C.C.** - Você tinha conhecido a Alzira no Partidão?

**I.B.** - Não, não conheci não. A Alzira é um pouquinho mais antiga do que eu. Eu não conhecia, nunca tinha ouvido falar dela. Alzira estava em Paris nesse período, ela tinha feito o doutorado dela ou mestrado, alguma coisa, tinha feito a pós-graduação...

**C.C.** - Doutorado sobre o Iseb.

**I.B.** - Exatamente, e ela veio de lá... sobre o Iseb, exatamente, e aí nos juntamos e ela começou a cuidar da parte temática e eu da parte biográfica. Teve um momento que foi muito decisiva a atuação dela. Aí a gente começou a engordar a equipe, a equipe começou a crescer, porque a verba da Finep era suficiente. Não me lembro agora de cabeça, mas nós tínhamos três salas abarrotadas de gente. Naquela época não tinha, não era essa moleza que é hoje. Na minha sala

trabalhava umas oito ou nove pessoas, na sala da Alzira por aí também. Tinha uma sala só de datilógrafos, não tinha computador, era tudo feito à mão. Mas teve um momento importante, a gente pegou os grandes verbetes e entregou cada um para um pesquisador, e esses pesquisadores começaram a se encantar com aquilo, e alguns eu acho, hoje eu vou dizer assim, se perderam um pouco, aumentaram demais o verbete além do que devia.

**C.C.** - Paulo Brandi fez o verbete e virou um livro.

**I.B.** - É. Não sei como é hoje encarado esse verbete do Getúlio dentro do *Dicionário*. Ele tem, sei lá, umas 50 páginas, ele não é muito prático, mas...

**C.C.** - Foi lançado como livro.

**I.B.** - Foi, foi. Foi uma batalha...

**C.C.** - Teve uma expedição ao interior do Rio Grande do Sul para ver o nascimento, teve uma história assim.

**I.B.** - Eles foram para o Rio Grande do Sul?

**C.C.** - Foram, para ver o livro rasurado, que não tinha data.

**I.B.** - Acho que isso é folclore, hein? [risos]

**C.C.** - [risos] Eu ouvi essa história. Essa rotina de trabalho que você está descrevendo, mas como vocês decidiram, por exemplo, os critérios de inclusão, quem entra, o que entra de tema, de pessoas?

**J.S.** - Tinha uma ideia pré-concebida? Uma lista?

**I.B.** - Havia, claro, isso foi o básico, isso era o básico. Eu ia dizer também, que era muito importante a gente lembrar, que em 74 quando eu apresentei o projeto aqui, e logo em seguida muito mais, o Brasil estava começando a ouvir falar em uma distensão lenta, era o Geisel chegando. Então a política estava começando a ser um pouco revalorizada. Naquela época era proibido falar o nome Luís Carlos Prestes, não podia falar esse nome, se você falasse isso você podia ser preso só de falar esse nome. E assim os outros cassados e tal. Então a gente começou com muita cautela e revalorizando esse mundo da política. Aí comecei a... Isso foi um trabalho

que eu fiz, estabelecer esses, chamava critérios de inclusão, aí todos os deputados, todos os senadores, e para incluir tudo eu sempre fiz questão de usar como critério, incluir tudo realmente, porque não podia fazer uma escolha. Não podia escolher os bons deputados porque não seria... Inclusive porque naquela época os bons seriam os deputados mais de direita, o que a fundação consideraria os bons, naquela época. Eu me lembro que uma vez o dr. Themístocles reclamou de brincadeira, ele era muito bonachão, ele falou assim: “pô, mas eu estou do lado do Tenório Cavalcanti no *Dicionário*, é Cavalcanti Themístocles, Cavalcanti Tenório, era uma vizinhança que não gostava.

**C.C.** - Mas tanto a Alzira, a Aspásia [Camargo], o pessoal fala as vezes que aqui na fundação, os comunistas do CPDOC, era visto aqui um antro da esquerda dentro da FGV... é isso mesmo ou é folclore?

**I.B.** - Eu acho que tinha um pouco.

**C.C.** - Bom, tinha várias pessoas que tinha uma militância que para cá vieram.

**I.B.** - Claro. Eu inclusive fui responsável por trazer vários. Porque eu ainda era, não era mais militante, mas tinha ainda essa cabeça, tinha as amizades de esquerda, eu trouxe muita gente para cá.

**C.C.** - Você deixou de ser militante quando?

**I.B.** - Quando eu saí da prisão eu fui parando, fui parando assim, eu demorei um pouco para me desligar inteiramente. Acho que fiquei lá bem uns oito, nove anos ainda, tinha um ou outro contato. Nessa época eu tinha muito contato com o Werneck Vianna, professor do Iuperj que era conhecido como comunista. A gente tinha discussões. Esse rapaz depois que virou um especialista em segurança, o que agora é careca, na época era bem cabeludo, foi secretário de segurança pública, ele é cientista político também.

**J.S.** - Luís Antônio Machado?

**I.B.** - Não, foi secretário nacional de segurança. Daqui a pouco a gente lembra. Ele é um cara importante até hoje, toda hora ele é convocado para falar e tal. Mas eu não tinha mais militância, mas as pessoas me viam muito como... como todo mundo sabia que eu tinha sido preso, me

viam muito assim de lado. Dr. Simões era muito assim distante, embora ele tivesse toda essa relação muito ligada à família Vargas...

**C.C.** - Luís Eduardo Soares?

**I.B.** - Luís Eduardo Soares, claro, claro. Ele tinha um grupo...

**C.C.** - Foi ligado ao Garotinho, depois saiu, depois foi Secretário Nacional de Justiça.

**I.B.** - Mas naquela época ele era ligado ao partido e era muito ligado ao Werneck.

### [FINAL DO ARQUIVO 01]

**I.B.** - Eu até estava revendo um número, na primeira edição foram 3.700 biografias e 700 temáticos, dão ao todo 4.400 verbetes. Inclusive os de [imprensa].

**C.C.** - Dicionário, em grande parte biográfico, de história recente contemporânea. O que eu queria perguntar, no mundo acadêmico da época, história, ciências sociais, o *Dicionário* era visto como uma coisa menor em relação ao nível de interpretação, a biografia como um gênero menor, e história contemporânea como uma coisa... muitos diziam que história tinha que ter 70, 80 anos de distância. Não sei se estou exagerando. Você mencionou pessoas do meio acadêmico, quer dizer, você estava no meio de uma instituição também acadêmica e pessoas, [como a] Aspásia, que começaram a vir também tinham uma carreira, uma atuação acadêmica. Como era visto o CPDOC, e esse trabalho do *Dicionário* em particular, nessa época? Na verdade, um dicionário da elite, que acabou sendo em grande parte. Como é um dicionário nesse contexto acadêmico da época?

**I.B.** - Olha, eu acho que existia, para ser bem sincero, da parte de muita gente, inclusive dentro do CPDOC, um certo preconceito contra o *Dicionário*. Isso que você falou, muita gente achava que um dicionário como esse que a gente estava fazendo era uma coisa menor, não era propriamente um trabalho de pesquisa histórica. Então era meio... eu acho que ele era diminuído. Graças a Deus a gente apesar disso conseguiu o apoio sempre da Celina e da Finep, que eram as coisas básicas. E através da Celina e da FGV, mal ou bem dr. Simões, eu gostaria

de deixar muito citado o superintendente da época que chamava Roberto Hermeto Correa da Costa, ele deu muito apoio ao *Dicionário*, assim, no sentido de infra, infra administrativa para sustentar, porque a gente fazia muita contratação de autônomo, todo mundo era autônomo e isso era um problema. A gente teve 200 autônomos aqui, era uma loucura, então, todo mundo produzindo verbetes fora. Mas havia essa discriminação, eu acho que existia algum sentimento de que a pesquisa era, estou falando uma coisa que talvez não devesse falar, mas acho que era isso. A pesquisa era como se fosse a elite do CPDOC. O pessoal meio do quebrar pedra era documentação, era o pessoal que ficava mexendo com documento, e a gente era então uma coisa diferente. Aí tinha também o fato de que eu não era de origem historiador. Eu sendo engenheiro, eu senti necessidade de me atualizar, fiz meu mestrado de história durante o tempo em que eu estava fazendo o *Dicionário*, eu fiz meu mestrado na UFF.

**C.C.** - *Capa Preta e Lurdinha*.

**I.B.** - *Capa Preta e Lurdinha*. Foi bom, foi uma experiência interessante.

**C.C.** - Teve o filme até com o José Wilker, não é?

**I.B.** - Exatamente.

**C.C.** - Eu fui no lançamento.

**I.B.** - Pois é, você foi no...

**C.C.** - Do livro e do filme.

**I.B.** - Ah, legal. Então...

**C.C.** - Quer dizer, era sobre Tenório Cavalcanti.

**I.B.** - Já era um tema que era derivado do *Dicionário*. Era um enfoque de um personagem da política brasileira muito desconsiderado, porque o Tenório era meio... era um marginal, era meio bandido, uma figura meio estranha, mas superinteressante. E a minha tese sobre ele acho que ficou interessante.

**C.C.** - Agora, vários verbetados eram vivos ainda. Como eles lidavam com estão escrevendo sobre mim? Isso acontecia de querer saber ou reclamar ou de...?

**I.B.** - Pouco, muito pouco. Um ou outro. Houve muito pouca reclamação. Havia alguns personagens que de vez em quando apareciam aqui e queriam ser incluídos no *Dicionário*. E aí a gente tinha que dar tratos à bola para dizer que havia critérios de inclusão, que não era assim. Os nossos verbetes como vocês sabem muito bem são muito objetivos e muito secos, sem elogios e sem críticas. Então muitas famílias não gostaram, acharam seco demais, falavam... Em suma, eu acho que com o tempo é que foi sendo valorizado a obra como conjunto, até hoje você vira e mexe e cruza com pessoas: “o *Dicionário*...”

**C.C.** - Uma pergunta de curiosidade, se você voltasse no tempo com o *Dicionário* você faria diferente alguma coisa?

**I.B.** - Eu faria alguma coisa, já falei uma crítica, faria alguns verbetes menores, mais concisos, simplesmente porque acho que são mais práticos de serem consultados. Aquele verbete como o do Getúlio, é melhor o cara ler um livro, um livro sobre o Getúlio, o Lima Neto escreveu um maravilhosamente. O verbete ficou muito grande, não só ele, alguns outros também. Mas eu acho que tirando isso, não diria, existia as categorias da época, eu até falei outro dia lá na coluna do Ancelmo, hoje a gente sabe todos os ministros do STF de cor, mas na época a gente sabia os componentes do alto comando do Exército de cor, comandante, chefe de departamento, esses nomes eram muito importantes porque eram eles que decidiam. Então no *Dicionário* tinha todos eles. Acho que agora na segunda edição foram até alguns eliminados.

**C.C.** - Uma questão, por exemplo, os critérios de inclusão, todos os ministros entram, só que, sei lá, governo Geisel trocou três ou quatro ministros. No governo da Nova República três ou quatro por mês, quase.

**I.B.** – Por mês e tem 30 e tantos.

**C.C.** - Aumentou o número de congressistas, enfim, e rotatividade de pessoas de origem mais desconhecida em termos de fontes, isso causou um problema para atualização do *Dicionário* hoje, mas porque o mundo político mudou.

**I.B.** - Claro, totalmente. Não sei como a gente faria hoje. De qualquer maneira, qualquer forma de seleção era problemática porque ela envolve uma escolha subjetiva, porque você não vai botar o Tiririca ou vai botar o outro...é difícil. Outra diferença é isso, não tinha deputado conhecido por apelido, isso é outra coisa, hoje em dia os deputados são conhecidos por apelido.



Na primeira edição não tinha nem o Lula, porque não tinha surgido ainda como cargo que fosse critério de inclusão, ele só era líder sindical. Então isso mudou muito.

**C.C.** - Agora, o lançamento, quando ficou pronto, como foi a recepção?

**I.B.** - Foi muito boa.

**C.C.** - Tem aqui a *Veja*, o [inaudível] da política, o Sacramento Blake da República, não sei como é que...

**I.B.** - Foi muito boa.

**C.C.** - Grandioso, não é?

**I.B.** - Foi grandioso.

**C.C.** - Esgotou, compraram. Conta a lenda, não sei se é verdade, que só o consulado americano tinha comprado 500 exemplares para distribuir para as bibliotecas de estudos latino americanos e brasileiros.

**I.B.** - Não sei se é verdade, não sei.

**C.C.** - Mas foi muito utilizado nas redações, às vezes copiando sem crédito, sem dar o crédito.

**I.B.** - Totalmente. Toda redação tinha, departamento de pesquisa dos jornais. Você via sistematicamente, necrológico, morreu um deputado, você ia lá ver o necrológico do cara, era o nosso verbete ali transcrito com pequenas alterações, muito. Eu fiquei muito emocionado porque algumas vezes no exterior, visitando bibliotecas no exterior, eu encontrava ali dicionário, naquela época era muito bacana, eu sempre gostava de ver. Lembro no Centro Pompidou, em Paris, tem uma ala só de América Latina, ia lá e pegava o dicionário.

**C.C.** - Tem listas dos livros mais importantes...

**I.B.** - É, chegou a estar, foi, exatamente. Ele foi... porque tem poucas obras dessa natureza no mundo.

**C.C.** - No Brasil ficou a única. Hoje você tem o Wikipédia, mas é outro tipo de construção. Mas não teve outro dicionário histórico-biográfico desse porte. Você tem coisas setorializadas de mulheres, de cientistas.

**I.B.** - Pequenas, de alcance muito menor. A verdade é que foi uma obra de muito vulto. Não tenho ideia na cabeça, mas ela teve um custo alto de investimento. A Finep bancou, nós tivemos alguns outros patrocínios menores no final, tal. Me lembro que o Ministério da Agricultura entrou com dinheiro também. Na própria edição da obra também a Finep patrocinou a edição. Outra coisa que eu faço assim, hoje, vejo como restrição, é que a primeira edição foi muito feia do ponto de vista gráfico. Mas era o que era possível fazer.

**C.C.** - Na época era assim, padrão...

**I.B.** - Ela ficou um pouco pior do que poderia ter ficado. A segunda edição ficou muito melhor, aquela verde, amarelo.

**C.C.** - O mundo editorial, a Companhia das Letras começou a fazer os livros belíssimos mudou o padrão, não é?

**I.B.** - Exatamente.

**J.S.** - Só voltando à concepção do projeto, o dia a dia de pesquisa, consultar fontes, como se deu esse trabalho, se você puder contar um pouquinho.

**I.B.** - Eu falei se eu ia falar um pouco que no final, não sei se vou falar isso, uma coisa um pouco delicada, mas já passou há tanto tempo. Foi o seguinte, o CPDOC era uma instituição como ainda é, acadêmica, e tinha níveis salariais por nível de graduação, e nós tivemos que seguir isso no *Dicionário*. A maior parte das pessoas, os pesquisadores eram graduados em história, tinha alguns que eram pós-graduados, estavam na pós-graduação, outros já eram pós-graduados, e eles ganhavam um diferencial salarial. Quando o *Dicionário* terminou a gente teve que dissolver a equipe. Todo mundo ficou muito p da vida. A pessoa nunca quer perder o emprego, em suma, mas no *Dicionário* tinha que acabar um dia. E aí quando houve a demissão, um grupo entrou na justiça do trabalho contra a FGV querendo equiparação salarial, argumentando que eles faziam o mesmo trabalho e ganhavam salários diferentes. Eu fiquei meio aborrecido com isso. Eu assumi de representar a fundação nessa causa. Já teve um sujeito que quis me dar um soco na cara na Justiça do Trabalho, era o marido de uma pesquisadora. Mas isso tudo passou, não sei se isso criou um certo ruído na época. Junta também que estávamos numa época, abertura política, muita radicalização, como chama a coisa sindical aqui da fundação? Associação de funcionários também tinha muita ação e falavam...

**C.C.** - Associação de Servidores, embora não seja pública, o nome é Associação de Servidores.

**I.B.** - É. Teve um pesquisador que eu tive que demitir e ele era da direção da Associação de Servidores aí criou-se.... foram esses embates que tem. Mas você perguntou...

**J.S.** - Sobre a rotina de trabalho em relação aos pesquisadores, o dia adia, se tinha um padrão estabelecido, uma rotina regrada?

**I.B.** - Tinha. Era o seguinte basicamente. Eu tinha levantado uma bibliografia bastante grande, e na época não se dispunha de nenhum ponto de vista de informática, então eu distribuía os verbetes pelos pesquisadores, eu definia o tamanho do verbete, olha, vamos fazer o Oswaldo Aranha com 20 páginas, vamos fazer o Capanema com dez, fazia uma proporção assim e dava para a pessoa uma bibliografia básica. Essa pessoa tinha que sair e procurar esses livros, a gente não tinha nem xerox, o xerox aqui da fundação não era disponível para nós. Ele era muito limitado. Então os pobres coitados dos pesquisadores copiavam à mão os trechos dos livros que interessavam, eram manuscritos. Algumas pessoas que gostavam de datilografar, o Mauro Marinho, por exemplo, datilografava, tinha uma máquina dele, mas a maioria era à mão. Então ficava montes de manuscritos à mão, escrito assim, livro tal, página tal e o texto que ele copiou. E a gente ia colocando isso numas pastas grandes, aquelas pastas antigas de papelão, com dois furos. Então tinha um bolo assim, você ia pegar: “o que tem sobre Oswaldo Aranha?”, tinha aquele bolo. A gente ficou muitos anos só fazendo isso, só recolhendo material. Se não me engano até 80. Nós ficamos de 75 até 80, cinco anos só recolhendo material, os pesquisadores só faziam isso.

**C.C.** - Em termos de fonte eu pergunto se usavam também entrevistas feitas para o Programa de História Oral do CPDOC ou arquivos do CPDOC, que estava em organização do arquivo, já tinha.

**I.B.** - Muito pouco.

**C.C.** - Entrevistas sendo feitas, muitas.

**I.B.** - As entrevistas chegaram a ser usadas algumas, os arquivos muito pouco porque era muito difícil você compor, pensar em fazer 3.000 biografias com base em fontes primárias de arquivo.

Você já imaginou? É um quebra-cabeça. Eventualmente uma peça do arquivo, um documento ou outro poderia ser usado, mas não era. O usual, a gente usava fonte secundária e muito jornal.

**C.C.** – Quer dizer, dentro do CPDOC, vamos dizer, a interação com a pesquisa, com a documentação, com a história oral não era muito intensa.

**I.B.** - Zero.

**C.C.** - Era mais só o *Dicionário* mesmo.

**I.B.** - É, praticamente zero, não tinha nada. A gente usava muito jornal. Eu tinha uma coleção pessoal da revista *Veja*, encadernada, ficava ali, um armário cheio, o pessoal usava muito a *Veja* e jornais de todo tipo, e iam muito para a Biblioteca Nacional pesquisar e depois começamos a ir para os arquivos específicos, por exemplo, militares, a gente foi para a Marinha, Exército, Aeronáutica pesquisar, antigamente chamava fé-de-ofício, depois...

**C.C.** – “Alterações”.

**I.B.** - As “alterações”. A gente tinha de cada um, pegava lá, a gente via tudo, promoção a segundo tenente, tudo, o pesquisador ia lá anotava tudo para poder saber. Até no início sofremos umas certas provocações no Ministério do Exército, as meninas que iam pesquisar, os soldadinhos lá ficavam sacaneando elas perguntando se elas queriam comprar jornais comunistas. O cara chegava com um jornal comunista assim, elas ficavam apavoradas. Você vê que tempo que a gente vivia, hem. Alguém deve ter mandado, sabiam que eles estavam lá pesquisando, alguém da repressão, do Serviço de Informações mandou. Mas isso foi um episódio, passou. A gente pesquisou muito bem lá. Depois eu me dei muito bem com o arquivo do Exército que é muito...

**C.C.** - Teve alguma forma de controle aqui na Fundação, ver o que estão fazendo, mostrar verbete ou isso não?

**I.B.** - Não, acho que não. Explicitamente não. Havia, sim, um certo mal-estar. A direção da Fundação gostaria que a gente fizesse um dicionário dos bons, entendeu? Era isso. Dos políticos que, vamos dizer, coincidiam com as escolhas da Fundação, em termos políticos na época conservadores. O [Derrênio], eles gostariam, mas nunca chegaram a falar isso. A gente sentia que torciam o nariz, essa piada que eu contei do dr. Themístocles: “pô, estou ao lado do Tenório

Cavalcanti”. Themístocles era um grande jurista, um cara da UDN, famoso, e o Tenório era um bandido lá da... embora fosse da UDN também. [risos]

**C.C.** - Agora, você chama um grau de, não fala em autocensura, mas de controle, por exemplo, não fala golpe de 64 e sim movimento de 64. Era um cuidado isso?

**I.B.** - Ah, era, era um cuidado. Eu enfrentava a oposição do pessoal de esquerda que queria falar de golpe. Depois de muitas divergências, eu escolhi, era movimento político militar de 64. Uma das coisas que eu fazia, era criar o que a gente chamava de carimbos. Carimbo era um chavão para definir determinada situação. Eles já sabiam, vai falar da Revolta de 35, já tinha um texto padrão, botava assim. Isso para cada um não ficar inventando.

**C.C.** - Padronizava.

**I.B.** - Padronizava, é. Porque aquilo era repetido em inúmeros verbetes. Eu fiz um guia sobre esse negócio. Os vários movimentos tinham já um carimbinho assim, o cara botava. E o movimento político militar de 64 era um deles.

**C.C.** - Israel, você ficou até que ano no CPDOC?

**I.B.** - Fiquei até 87. O *Dicionário* acabou em 85, foi publicado em 85, daí parou. Eu queria muito continuar o *Dicionário*, mas aí eu não senti já muito apoio. Não havia mais... uma pena, não é? Aí eu montei uma pequena equipe de estagiários, tinha um rapaz que ficou um pouco no meu lugar, mas nos mandaram... falar uma coisa também que não é muito canônica, mas naquela época o prédio não tinha sido construído e aquilo era um terreno baldio horroroso e lá no fundo tinha uma casa velha caindo aos pedaços, eles nos mandaram para lá. Ficamos lá. Tinha cocô de pombo, não sei o quê. Aí a coisa, senti que não ia deslanchar. Mas as meninas ficaram lá, ficaram umas quatro estagiárias, o Alan ficou, o Alan permaneceu sempre, ele era o guardião...

**C.C.** - José Alan Dias.

**I.B.** - José Alan Dias Carneiro, ele era o organizador daquelas fichinhas.

**C.C.** - O Plínio ficou?

**I.B.** - Não, não me lembro, acho que não. Será que o Plínio ficou? Acho que não. Tinha um rapaz chamado Edgar Pêssego Coelho, um pesquisador, quando eu saí... Eu fui trabalhar no estado, eu saí em 87 para ir trabalhar com o Moreira, como eu falei.

**C.C.** - Secretaria de Planejamento. Você foi subsecretário? Durante um ano?

**I.B.** - Subsecretário durante um ano, é.

**C.C.** - Aí você saiu e não voltou mais?

**I.B.** - Não, não voltei mais.

**C.C.** - E a Memória Brasil é de quando?

**I.B.** - 90. Eu fiquei um ano lá com o Moreira, depois trabalhei um pouco com meu pai, uma tentativa que não era muito a minha praia, e em 90 eu fundei a Memória Brasil e estou lá até hoje.

**C.C.** - E qual foi a ideia da Memória Brasil, era atuar nessa área cultural, não é?

**I.B.** - É, atuar, mas juntar um pouco um lado empresarial com essa área cultural. Fazer projetos culturais que tivessem um retorno financeiro, feito com empresas. A primeira pesquisa que a gente fez de uma certa dimensão foi aniversário de uma empresa, A Supergasbrás fazia 50 anos. Então a gente montou uma equipe, fez uma pesquisa sobre a história da empresa e publicou um livro e tal, sobre eles. Mas fazia até mais. Me associei com um publicitário e a gente fazia festas, fazia coisas. E depois eu desenvolvi muita coisa. A última coisa muito importante que eu fiz na Memória Brasil, que acabei de fazer há pouco, é esse site Brasiliana. Não sei se vocês conhecem, mas ficou uma coisa maravilhosa, foi um trabalho longo e muito detalhado. Fizemos para a UFRJ com o apoio da Finep também, e a gente digitalizou todos os volumes da Brasiliana, 440, um trabalho muito interessante.

**C.C.** - No final dos anos 80, 90 falou-se muito no boom da memória. Muitos lugares começaram a fazer memória. Memória da Eletrobrás, centro de memória daqui, de lá. O CPDOC entrou muito nisso, você também com o Memória Brasil, tem quase 30 anos. Você olhando esse período de tempo, de atuação na área cultural de memória, mudou ou não? É

basicamente a mesma coisa, o que era atuar nessa área e atuar nessa área hoje? Não sei se é uma pergunta que faz sentido.

**I.B.** - Acho interessante, acho que faz. Eu acho que quando eu comecei com Memória Brasil tudo era muito novidade, era tudo muito sensacional e hoje virou um pouco trivial. Só pra lembrar uma coisa que tem muito a ver com o CPDOC. A primeira grande exposição que a gente fez foi aquele Saudades do Brasil.

**C.C.** - Que foi um sucesso estrondoso, foi no MAM.

**I.B.** - Sucesso estrondoso. Começou em São Paulo, no Masp, a inauguração foi em São Paulo, no Masp, depois veio para o MAM e percorreu várias cidades do Brasil, Brasília, Belo Horizonte...

**C.C.** - Foi 91, 92?

**I.B.** - Foi 92.

**C.C.** - Época de Collor, estava muito baixa a estima nacional, aquela exposição caiu como uma esperança, vamos dizer.

**I.B.** - Exatamente. E o Saudades do Brasil, o nome, Juscelino, a construção de Brasília; e nós fizemos junto com o CPDOC, o CPDOC fez a pesquisa, fez os textos e selecionou as imagens, nós montamos a exposição, o catálogo lá com Vítor Bourton.

**C.C.** - Tinha objetos.

**I.B.** - Objetos. Um negócio que a gente chamava, inventou a palavra, me esqueci agora, arqueologia histórica, uma coisa assim, pegar objetos de época.

**C.C.** - Foi a exposição de mais impacto que o CPDOC já fez.

**I.B.** - Ela foi realmente sensacional. As aberturas eram com presença de pessoas... Em São Paulo foi o governador de São Paulo porque era patrocinado pelo Banespa, na época quem patrocinou a exposição foi Banco Estado de São Paulo. Aqui no Rio veio o presidente do Museu de Arte Moderna e várias outras pessoas.

**C.C.** - Você acha que ficou mais trivial em que sentido, que tem mais coisa ou o assunto deixou de ser tão novidade, memória, preservação?

**I.B.** - Eu acho que tem mais coisa, ficou muito comum, muitas empresas fizeram depois seus livros de 50 anos, de cem anos. Eu acho que ficou mais trivial. E a indústria editorial, como você falou, melhorou maravilhosamente, você tem dezenas de livros muito bonitos com ilustrações e combinação de texto com programação visual, na época era novidade aquilo, então acho que ficou mais trivial. Agora, acho que cabe descobrir temas novos para abordagens novas. É isso aí. Falei demais, não é?

**C.C.** - Não, está ótimo. Muito bem. Bom, Israel, acho que a gente cumpriu aqui nosso roteiro, foi um prazer.

**I.B.** - Obrigado, obrigado.

**C.C.** - Agradeço mais uma vez muito a colaboração...

**I.B.** - Eu certamente devo ter esquecido de muitas coisas, mas se houver uma outra oportunidade...

**C.C.** - Ótimo.

**[FINAL DA ENTREVISTA]**